

Pseudorca crassidens (OWEN, 1846) - MORTE ACIDENTAL EM REDE DE PESCA ARTESANAL NO SUL DO BRASIL.

Paulo César Simões-Lopes\* e Alfredo Ximenez\*\*

\* Centro Nac. Pesquisas Subaquáticas/Fundação Barddal Cx. Postal 5102 Florianópolis - SC 88041 Brasil.

\*\* Lab. Mamíferos Aquáticos/Univ. Fed. de St. Catarina Cx. Postal 5132 Florianópolis - Sc 88000 Brasil.

### ABSTRACT

We mention the presence of an adult male of Pseudorca crassidens, accidentally taken by gillnets, in Santa Catarina waters, Southern Brazil.

### RESUMO

Registra-se a presença de um macho adulto de Pseudorca crassidens, morto acidentalmente em rede de espera, nas águas de Santa Catarina, sul do Brasil.

No dia 13 de novembro de 1987, uma Falsa Orca, Pseudorca crassidens, foi capturada acidentalmente em rede de espera, frente a Praia dos Ingleses (27°26'S, 48°22'W) Ilha de Santa Catarina, sul do Brasil. Sua morte ocorreu durante a madrugada, quando o espécime ficou preso e rede pelas aletas caudais. Já na praia, sangrava abundantemente pela boca e espiráculo.

O macho adulto, com 552 cm de comprimento total, foi levado a Universidade Federal de Santa Catarina e dissecado. Os órgãos internos foram congelados e posteriormente analisados. A necropsia revelou que este exemplar era perfeitamente saudável e seu estômago estava vazio. Um grupo de escamas ctenóides, não identificadas, foi encontrado num dos alvéolos da mandíbula esquerda. Medidas (cm) e proporções do corpo desse espécime, são mostradas na Tabela 1. Crânio e esqueleto poscranial encontram-se conservados na coleção do laboratório de mamíferos Aquáticos so o número UFSC 1048. Sua fórmula vertebral era: C7 + T10 + L10 + Ca22 =49, sendo que as seis primeiras cervicais apresentavam-se fusionadas num único bloco. Apesar do tamanho do indivíduo, grande parte das epífises não se encontrava fusionada ao centro.

O corpo era quase totalmente negro, exceto na porção ventral, onde ocorriam áreas de coloração cinza médio, especialmente na região genital, no umbigo e entre as aletas peitorais. No flanco esquerdo haviam cicatrizes profundas, cujos sulcos paralelos estavam igualmente espaçados 3,5 cm (em média) um do outro. Este espaçamento é coincidente com a distância entre um dente e outro por indivíduo da mesma espécie.

Segundo depoimento de pescadores, o espécime foi avistado

nas proximidades durante vários dias, sempre nadando sozinho. Apesar de não possuir um nome vulgar no Estado de Santa Catarina, esta espécie foi denominada pelos pescadores como "Galha-Torta", nome certamente derivado da forma de sua aleta dorsal.

A Falsa Orca é uma espécie de ampla distribuição encontrada em todos os mares tropicais e temperados, sendo, geralmente, de hábitos oceânicos (Watson, 1981). No Brasil, não se encontra mencionada nas listas de Carvalho (1975, 1983), Voss (1973), fazendo referência a Cabrera (1961), cita esta espécie para o Estado do Rio Grande do Sul e Bittencourt (1984) a menciona para as águas do Brasil, sem referência a material.

Os primeiros registros confirmados são os de Castello e Gianuca (1976), onde dois exemplares (MORG 27 e 31) foram conservados na coleção de mamíferos do Museu Oceanográfico de Rio Grande. Silva (1984) fornece um registro fotográfico para o Rio Grande do Sul e Pinedo e Rosas (1989) relatam cinco novos exemplares (MORG 33, 450, 453, 911 e 1122) para esta faixa de litoral. Geise e Borobia (1988) mencionam um indivíduo encontrado na Ilha de Maricá, Rio de Janeiro, no ano de 1981.

Antonelle et al., (1986), tendo por base informações duvidosas fornecidas pela COPESBRA, durante a captura de Baleias Minke no nordeste do Brasil, cita seis indivíduos avistados entre os anos de 1980 a 1985.

Medidas cranianas do exemplar de Santa Catarina (UFSC 1048) são mostradas na Tabela 2. O índice rostral, relação entre a largura do rosto na base x 100/ comprimento do rosto (Langguth, 1977), foi de 71,1, ficando entre os valores (66,6 a 82,9) obtidos por Pinedo e Rosas (1989) para os espécimes do Rio Grande do Sul.

Ao que parece P. crassidens não é uma espécie tão rara no Atlântico Sul Ocidental como se supunha originalmente. A intensificação das avistagens e coleta de material deve ampliar, consideravelmente, o número de registros conhecidos. Este relato reforça a necessidade da implementação de um programa para o manejo das artes de pesca, que diminua o impacto das capturas ditas acidentais, sobre as populações de cetáceos no sul do Brasil.

## BIBLIOGRAFIA

- ANTONELLE, H. H., L. LODI, e M. BOROBIA. 1986. Avistagens de cetáceos no período de 1980 á 1985 no litoral da Paraíba, Brasil. Anais da II Reun. Trab. Esp. Mam. Aquát. América do Sul. Rio de Janeiro, Brasil: 114.
- BITTENCOURT, M. 1984. Contribuição para a identificação dos cetaceos ocorrentes nas águas interiores do Brasil. Arg. Biol. Tecnol. 27 (4): 529-547.
- CABRERA, A. 1961. Catálogo de los mamíferos de América del Sur (Parte II). Rev. Mus. Arg. Cienc. Nat. "Bernardino Rivadavia" Zool. 4 (2): 309-732.
- CARVALHO, C. T. 1975. Ocorrência de mamíferos marinhos no Brasil.

- Bol. Tecn. Inst. Florestal 16: 13-32.
- CARVALHO, C. T. 1983. Lista nominal dos mamíferos brasileiros. Bol. Tecn. Inst. Florestal 37: 31-115.
- CASTELLO, H. P. et N. M. GIANUCA. 1976. Echouage de faux-orques, Pseudorca crassidens (Owen, 1846), sur le cotes de L' Etet de Rio Grande do Sul, Brésil. Mammalia 40 (4): 683-684.
- LANGGUTH, A. 1977. Notas sobre la falsa orca "Pseudorca crassidens" (Owen) en el Atlántico Sudoccidental. Rev Mus. Arg. Cienc. Nat. "Bernardino Rivadavia" 12 (6): 59-68.
- PINEDO, M. C. e F. C. W. ROSAS. 1989. Novas ocorrências de Pseudorca crassidens (Cetacea, Delphinidae) para o Atlântico Sul Ocidental com observações sobre medidas cranianas e alimentação. Atlântica 11 (1): 77-83.
- SILVA, F. 1984. Mamíferos Silvestres do Rio Grande do Sul. Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. 244 pp.
- VOSS, W. A. 1973. Ensaio de lista sistemática dos mamíferos do Rio Grande do Sul, Brasil. Pesquisas, Zool. 25: 1-35, Rio Grande do Sul, Brasil.
- WATSON, L. 1981. Whales of the world. London. Hutchinson. 302 pp.

	cm	%
Comprimento Total (focinho-entalhe caudal)	522,0	100
Focinho ao centro do espiráculo	47,0	9,0
Comprimento do espiráculo	4,0	0,7
Largura do espiráculo	6,0	1,1
Focinho ao centro do olho	48,0	9,1
Focinho ao ouvido	62,0	11,8
Focinho a inserção anterior da aleta peitoral	80,0	15,3
Centro do olho a comissura da boca	7,0	1,3
Centro do olho ao ouvido	16,5	3,1
Olho ao bordo do espiráculo (sobre a curva)	31,5	6,0
Comprimento da abertura do olho	3,3	0,6
Aleta peitoral: inserção anterior até a ponta	65,5	12,5
Aleta peitoral: axila até a ponta	50,0	9,5
Aleta peitoral: largura máxima	26,0	4,9
Focinho a inserção anterior da aleta dorsal	205,0	39,2
Focinho a ponta superior da aleta dorsal	225,5	43,1
Comprimento da base da aleta dorsal	58,0	11,1
Altura da aleta dorsal	43,0	8,2
Comprimento da fenda genital	30,0	5,7
Comprimento do períneo	92,0	17,6
Focinho ao centro do umbigo	214,0	40,9
Focinho ao centro da fenda genital	290,0	55,5
Focinho ao centro do anus	348,0	66,6
Entalhe caudal ao centro do anus	174,0	33,3
Entalhe caudal ao centro da fenda genital	232,0	44,4
Largura da aleta caudal (ponta a ponta)	113,0	21,6
Aleta caudal: inserção anterior ao entalhe	30,0	5,7
Profundidade do entalhe caudal	6,0	1,1

TABELA 1. Medidas e Proporções do corpo (cm) de Pseudorca crassidens  
(Owen, 1846) - Exemplar UFSC 1048

	mm	%
Comprimento cõndilo-basal	679,0	100
Comprimento do rosto	326,0	48,0
Largura do rosto na base	232,0	34,1
Largura do rosto a 60 mm da base	243,0	35,7
Largura do rosto na metade de seu compr.	218,0	32,1
Largura dos premaxilares na metade do rosto	148,0	21,7
Largura do rosto a 3/4 do compr.	175,0	25,7
Comprimento da ponta do rosto ao bordo ant. do orif. nas. dir.	406,0	59,7
Comprimento da ponta do rosto a margem post. do pterig. dir.	445,0	65,5
Largura preorbital máx. (do bordo preorbital dir. ao esq.)	360,0	53,0
Largura postorbital máx. (do bordo postorbital dir. ao esq.)	410,0	60,3
Largura supraorbital min.	350,0	51,5
Largura interna máx. dos orifícios nasais	91,0	13,4
Largura máx. entre os processos zigomáticos do escamosal	405,0	59,6
Largura máx. entre premaxilares	160,0	23,5
Largura parietal, entre as fossas temporais	261,0	38,4
Altura da caixa craniana	218,0	32,1
Comprimento interno da caixa craniana	230,0	33,8
Comprimento máx. da fossa temporal esq.	194,0	28,5
Largura máx. da fossa temporal esq.	135,0	19,8
Diâmetro máx. da fossa temporal esq.	105,0	15,4
Diâmetro min. da fossa temporal esq.	85,0	12,5
Comprimento da órbita esq.	111,0	16,3
Comprimento do processo anterorbital do lacrimal esquerdo	65,0	9,5
Largura máx. do orifícios nasais internos	130,0	19,1
Comprimento máx. do pterigoide esq.	121,0	17,8
Comprimento da linha dentária sup. esq.	262,0	38,5
Número de dentes sup. esq.	9,0	
Número de dentes sup. dir.	9,0	
Número de dentes inf. esq.	10,0	
Número de dentes inf. dir.	10,0	
Comprimento da linha dentária inf. esq.	280,0	41,2
Comprimento máx. do ramo mandibular esq.	553,0	81,4
Altura máx. do ramo mandibular esq.	154,0	22,6
Comprimento da fossa mandibular esq.	202,0	29,7
Comprimento da sínfise mandibular	105,0	15,4

TABELA 2: Medidas Cranianas (mm) de Pseudorca crassidens (Owen, 1846)

